

BORGES NO BRASIL: A RECEPÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADE

Juliana Maia de Queiroz
UNICAMP

Borges no Brasil, lançado pela Editora Unesp em 2001 e organizado pelo professor Jorge Schwartz abarca uma coletânea de artigos que abrange várias abordagens teórico-críticas acerca da obra do autor argentino, sendo que alguns deles, inclusive, foram escritos e proferidos em torno das comemorações do centenário deste autor que nasceu em 1899, esteve no Brasil duas vezes e inspirou centenas de trabalhos acadêmicos e resenhas em jornais desde meados da década de 20.

Tentando evitar um trabalho de simples comentário acerca dos vários e diferentes textos presentes no livro organizado por Schwartz, a leitura dos ensaios de Raúl Antelo (*Borges/Brasil*) e de Patricia Artundo (*Clara Argentina: Mário de Andrade e a nova geração argentina*) nos inspirou a uma tentativa de explicitar as relações entre Borges e o modernista Mário de Andrade, autor de artigos importantes não somente sobre aquele primeiro, mas também sobre os principais autores latino-americanos de seu tempo.

O artigo de Patricia Ortundo investiga, na verdade, como se originaram as relações entre Mário de Andrade e a geração de vanguarda argentina que, contudo, não excluía o interesse de Mário por outras vanguardas latino-americanas (Uruguai, Peru, México). No entanto, os 65 livros de autores argentinos em sua biblioteca no período de 1920 a 1930, além das 64 cartas trocadas com Soto, Vignale, Pettoruti, Francisco Palomar e das inúmeras revistas (*Martín Fierro*, *Proa*, *Claridad*, *Síntesis*) demonstram um interesse peculiar por este país.

Na verdade, muitos argentinos se dirigiam ao Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo) apenas como escalas obrigatórias da rota à Europa, mas este não foi o motivo que levou Luis E. Soto e

Pedro J. Vignale a chegarem a São Paulo no início de 1926. Vieram como representantes da revista *Los Pensadores. Arte, Crítica y literatura* (1924-1926) com a missão de promover o intercâmbio cultural entre os países vizinhos. Todavia, os contatos oficiais entre Mário de Andrade e a poesia argentina se iniciara um ano antes através de Câmara Cascudo. Este último dera de presente a Mário um exemplar de *Versos de la calle* de Alvaro Yunque e também enviara a Soto *A escrava que não é Isaura* que acabou ganhando um artigo deste último em *Renovación*. Pode-se dizer que foi a posição privilegiada de Soto e Vignale nas revistas de vanguarda argentinas que propiciou um contato mais intenso e efetivo entre estes dois países.

Observamos a via escolhida por Patricia Ortundo para explicitar o que teria sido o início das relações entre Mário e a Argentina. Contudo, é Raúl Antelo quem vai se deter atentamente às relações entre Borges e o Brasil e, conseqüentemente, no interesse contundente de Mário pela literatura argentina. No que se refere às primeiras referências sobre Borges em nosso país, Antelo menciona o pintor Francisco Palomar, ligado aos integrantes da revista *Martín Fierro* da qual Borges fazia parte, que se instala no Rio de Janeiro no final de 1926. No ano seguinte, vai ilustrar o artigo de Ronald de Carvalho sobre Borges publicado em *O Jornal*, no Rio. No entanto, é Mário de Andrade quem vai escrever no *Diário Nacional* de 13 de maio de 1928 ¹:

“ *Eu falei que o nacionalismo argentino era mais inconsciente que rotular.*

Com efeito a pouca frequência do problema “Nacional” nas páginas de Martín Fierro e a importância sem importância que a ele parecem dar na revista me leva em grande parte a esta afirmativa. Que pode ser mais ou menos falsa.... Quem se preocupa mais com ela é Jorge Luis Borges. Este poeta e ensaísta me parece a personalidade mais saliente da geração moderna da

¹ ANTELO, Raúl. *Na Ilha de Marapatá (Mário de Andrade lê os hispano-americanos)*. São Paulo: Editora Hucitec, 1986. p. 176.

Argentina. Depois de Ricardo Güiraldes, - o que teve a felicidade de morrer depois da obra-prima – a figura de Jorge Luis Borges é a que mais me atrai e me parece mais rica de lá(...)”.

Desta passagem, dois pontos nos causam curiosidade: por qual via Mário teve acesso aos textos de Borges e quais seriam os aspectos da literatura argentina que tanto interessariam a Mário além do simples apreço literário por nomes como Güiraldes e Borges. Segundo o artigo de Antelo presente no livro organizado por Schwartz², Mário recebia desde 1925 revistas e livros de Rosário Fusco, jovem colaborador da revista mineira Verde e namorado da argentina María Clemência, colaboradora da revista Proa e também amiga de Norah Borges, irmã de Jorge Luis Borges. Deste último, Mário leu *Inquisiciones*, *El idioma de los argentinos* e os poemas incluídos nas antologias de Noé e Vignale-Tiempo.

Acerca do segundo ponto levantado anteriormente, o estudo minucioso de Raúl Antelo em seu *Na Ilha de Marapatá* nos aponta para a preocupação marioandradina, no meio da década de 20, em criar um conceito de vanguarda relacionado aos países vizinhos que desse conta da liberdade estética e da responsabilidade intelectual. Assim, numa tentativa de organicidade, vai procurar o maior número de experiências literárias presentes na América Latina que coincidam com a experiência do modernismo brasileiro. E é justamente a Argentina que vai produzir, por meio de suas revistas³ de vanguarda, textos influenciados pelo ultraísmo espanhol trazido daquele país por Jorge Luis Borges.

² SCHWARTZ, Jorge (org). *Borges no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p.423.

³ May Lorenzo Alcalá, em *Vanguardas Argentinas. Anos 20*. (São Paulo: Iluminuras, 1992), esclarece que a sociedade argentina, estimulada pela reforma educacional do governo de Yrigoyen, aliada ao pós-guerra e à revolução russa, propiciou uma grande evolução ideológica dos intelectuais e a formação de um gosto literário de vanguarda e, por tabela, de um público leitor voraz de novas produções. Deve-se a estas transformações, um boom no sistema literário argentino a partir de 1922 através de manifestos, folhetos e principalmente revistas _ obras cuja materialidade permite rápido e fácil produção e difusão, consumo na sociedade. A título de exemplo, na década de 20 surgiram 83 novas revistas na Argentina sendo que suas principais, *Martín Fierro* e *Claridad*, atingiram tiragens de 20 mil e 10 mil exemplares respectivamente.

Mário admirava o potencial da literatura argentina de possuir uma atividade intelectual baseada em grupos que se expressavam através de suas revistas culturais e literárias. Para Mário, esta atividade seria muito mais fecunda do que discussões isoladas conforme ocorria muitas vezes no Brasil. Outro aspecto, ainda, seria a coincidência relacionada às datas do surgimento do modernismo/ultraísmo nos dois países. Aqui tivemos a Semana de Arte Moderna e lá, os manifestos de vanguarda escritos por Borges e seu grupo afixados nos muros pelas ruas, além das revistas Prisma e Proa.

Assim, havia o desejo de Mário em tentar olhar para a América Latina como um todo e observar as semelhanças e diferenças cravadas por problemáticas comuns aos países: língua, identidade de seus povos e a nacionalidade. Para ele, ao comparar Brasil/Argentina, nós estávamos muito aquém do país de Borges, conforme estas palavras do artigo publicado no Diário Nacional de 22 de abril de 1928 e extraído do livro de Raúl Antelo citado anteriormente:

“A Argentina, devido à força concentradora de Buenos Aires e à unidade geográfica, me parece que já possui, mais ou menos, um caráter psicológico chegado a esse estágio de evolução que se determina pela inconsciência nacional. Aqui no Brasil, a gente ainda está muito conscientemente brasileiro e nisso me parece que não progredimos muito sobre José de Alencar. (...) A Argentina realizou um progresso material e intelectual unânime e bem grande. O argentino se tornou naturalmente um ser afirmativo, um ser que olha de cima. Sem que para isso careça de inventar idealismos vãos ou patriotismos exacerbados. Está claro que me refiro à geração modernista. Quando lá falam que a Argentina é um grande país e Buenos Aires uma grande capital, falam duas verdades incontestáveis (...)”

Desta passagem extraímos quão diferente da nossa era a realidade cultural daquele país e suas produções sob o olhar de Mário. Nota-se, inclusive, uma certa tentativa de explicação

geográfica aliada ao suposto desenvolvimento intelectual dos argentinos quanto à maneira como tratavam sua nacionalidade. Eles, segundo as palavras de Mário no mesmo artigo, não precisavam tratar da Patagônia como nós brasileiros tínhamos que inevitavelmente considerar a realidade amazônica e seu povo, uma vez que esta possuía valor político, econômico e emotivo. Borges tratou do crioulismo dos pampas, mas em nenhum momento reivindicou a obrigatoriedade de uma literatura social. Muito pelo contrário, o autor argentino atrelava seu recorte gauchesco às inúmeras referências ocidentais e latinas. Também isto fazia o Mário dos anos 20 admirar a produção borgeana; tanto que traduziu em 13 de maio de 1928 o ensaio *El idioma de los argentinos*.

Para Borges, no entanto, buscar diferenças/similitudes no país vizinho era algo desnecessário. Em artigo de sua autoria presente em *Na ilha de Marapatá* (p189), ele é categórico quanto ao fato de acreditar que nós, os homens da América Latina, temos inúmeras similitudes com “escassas e míseras variantes da cor local e que um conhecimento intensivo seria como esses fatigantes velórios que nos infringem o incômodo tratamento de aziagos primos derrotados pela urticária ou de pálidas tias que vivem à espera do escorbuto”. É verdade que Borges nunca se interessou muito pela literatura latino-americana conforme demonstram os textos do livro organizado por Jorge Schwartz. Seu apreço pela literatura européia e norte-americana é fato conhecido entre seus estudiosos. Mário dedicou a ele tantas palavras generosas, mas ao que parece, Borges não fez o mesmo. Contudo, outros brasileiros da geração de Mário também não renderam tanta atenção ao autor argentino. Até mesmo Bandeira, que chegou a publicar um livro sobre literatura hispano e outro com poemas traduzidos, de Borges incluiu somente a poesia *Patio* do livro *Inquisiciones* em sua coletânea.

Raúl Antelo explicita que até os anos 40, nos pólos Rio/São Paulo, foi dominante a receptividade em relação ao sistema literário francês e depois ao norte-americano. Este seria um

possível motivo para a “pobre” divulgação de Borges nestas regiões. Já o Rio Grande do Sul, pela proximidade geográfica, permitiu um contato literário mais direto com Buenos Aires. É o caso, por exemplo, de Paulo Hecker Filho que publica uma “apresentação de Borges” na revista *Crucial* em 4 de janeiro de 1953. Nesta época também temos um artigo elogioso de Alexandre Eládio no *Diário de Notícias* de Porto Alegre em 1958. Nos anos 70 começam as traduções mais sistemáticas dos livros de Borges na capital gaúcha pela editora Globo. Vale dizer que nesta década Borges já está sendo amplamente referido no Rio e em São Paulo por nomes como Clarice Lispector e Otto Maria Carpeaux.

Como se vê, pode-se dizer que foi Mário de Andrade quem iniciou a divulgação de Borges por aqui. No entanto, mais do que estabelecer qualquer comparação entre os diferentes interesses literários de Mário e seu vizinho Borges, vale ressaltar que os estudos acerca das relações entre Mário de Andrade e os autores argentinos são importantes na medida em que dizem da disposição do escritor modernista brasileiro em tentar compreender o movimento de renovação cultural e literária no qual estava envolvido enquanto cidadão latino-americano.